

O currículo do futuro e a importância da escola, hoje

Clacy Zan

Doutora em Educação pela USP. Professora do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB.
e-mail: mestrado@ucdb.br

YOUNG, Michael F. D. *O currículo do futuro: da "nova sociologia da Educação" a uma teoria crítica do aprendizado*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas/SP : Papirus, 2000.

Young, do Instituto de Educação de Londres, faz, nessa obra, uma análise de caráter sociológico da educação, a partir dos anos setenta, detendo-se, especialmente, no período globalizado atual, momento em que a escola vive um período de severas contradições, não sendo possível perceber-se muito claramente *"uma luz no fim do túnel"*.

Nos capítulos iniciais, a análise focaliza a caracterização dos currículos escolares nos anos sessenta e setenta, período em que o *"saber é estratificado"*, segundo *"seus componentes de 'prestígio' e 'propriedade'"* (p. 30). A filosofia era o componente privilegiado da educação, ocupando, a sociologia, um lugar marginal no debate.

A análise dos últimos vinte anos é o objeto principal da obra. A escola secundária e "pós-secundária" constituem-se no tema, por excelência, nesse momento histórico de transformações sociais específicas. A globalização econômica, bem como a disseminação da informação, por meios especiais que não a escola, passam a exigir, desta, qualificações diferentes, quais sejam, um saber que se relaciona com a tecnologia e com o profissionalismo. Esse é, aliás, o núcleo da discussão do autor.

No entanto, no continente europeu, objeto de estudo específico do autor e, por extensão, no resto do mundo, a empresa não se sente motivada a abrir-se para a cooperação com a escola na tarefa da

qualificação do novo aluno. Assim, fica estabelecido o impasse e o "currículo do futuro", ou seja, o currículo dos tempos globalizados de hoje permanece indefinido. As novas reformas previstas para a escola européia e, por extensão, para as escolas sul-americanas estão a meio caminho de uma irrealização: a sociedade econômica exigindo qualificação para o trabalho e a escola "renovada", sem saber "como" atender tais exigências.

Assim sendo, o autor reflete nos termos de uma escola que continua **credencialista**, em um momento histórico de uma "sociedade do aprendizado", ou seja, a escola continua a exercer a função de emitir o diploma, documento que atesta um determinado conhecimento, mas o mundo atual da comunicação transmite tanto ou mais conhecimento que a escola. Então... qual seria a função atual da escola? Estaríamos caminhando para uma "sociedade sem escolas"?

O autor tece considerações no sentido de que se faz necessário incentivar diferentes arranjos curriculares. *"A questão (...) é não polarizar o aprendizado formal/informal, ou o aprendizado centrado na escola/não centrado na escola como bons ou maus (...)"*, mas sim *"fomentar as diversas formas de 'comunidades de prática', tanto internas quanto externas às escolas e universidades"* (p. 254). Essas comunidades de prática "seriam, então, o recurso através do qual o aluno poderia realizar a participação social necessária à sua inserção profissional.

A obra, portanto, coloca o problema da adaptação que a escola atual deve sofrer para se inserir nos parâmetros das mudanças econômico-sociais atuais. Dadas as circunstâncias históricas de uma escola que sempre se colocou como a instituição distribuidora do saber, por excelência, há dificuldades na aceitação desse novo currículo não mais centrado em conteúdos e sim voltado para o desenvolvimento de competências profissionais, embora a reflexão seja um elemento necessário nesse momento de se concretizarem mudanças curriculares, seja no ensino médio, seja na universidade.